

# O O V A R E N S E

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Anno sem estampilha. . . . . 15000 reis  
Semestre sem estampilha. . . . . 500 reis  
Anno com estampilha. . . . . 15200 reis  
Semestre com estampilha. . . . . 600 reis

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Proprietario e Editor—Plácido Augusto Veiga

Anuncios cada linha. . . . . 50 reis  
Repetição. . . . . 25 reis  
Communicados, por linha. . . . . 60 reis  
Os srs. assignantes tem o desconto de 25 p.c

## A vida do governo

Tudo vae de mal a peor no nosso desgraçado paiz. Parece que a estrella funesta do sr. Hintze acompanha o ministerio, fazendo reverter sobre todos nós uma série de desastres, que só pôdem ter cura n'uma acção ou reacção energica, capaz de pôr completamente de lado velhos e cediços processos governativos.

O ministerio vive *ao jour le jour*, aos trambolhões, sem norte, tentando ás vezes mostrar um plano, que logo se esborôa ou são más as condições em que o colloca, ou porque é ineptamente dirigido.

Viu-se a desastradissima campanha contra os destimidos soldados d'Africa, em que a politica governamental quiz gosar importante papel para afinal ser apanhada n'um desastre, a que teve de sacrificar um ministro, que logo encontrou premio de consolação em choruda conesia, norte para onde se voltam afinal todas as attentões dos ministros *desinteressados*.

Seguiu-se a expedição á India, apoz a demissão do governador, que propunha como melhor remedio para soffocar a rebellião, a amnistia e a modificação da reforma militar. Castigado com a demissão e votado ao ostracismo o Visconde de Villa Nova d'Ourem, lá foi o nosso primeiro visor-rei, o sr. D. Affonso para concluir pela amnistia, sem derrota dos rebeldes, sem um acto de força da nossa parte que ao menos servisse para cobrir a honra da bandeira. Esta *façanha* teve como premio a condecoração do visor-rei; e como consequencia logica não aceitaram os rebeldes por emquanto victoriosos a amnistia sem condições que os indemnisassem do mal que... nos causaram, e ver-se o novo commissario régio na durissima necessidade de empregar meios violentissimos, que ninguem justifica!

No emprestimo para a compra dos navios de guerra, a mes-

ma comedia. Leva-se ao parlamento o projecto para a auctoriscação e soffregamento, porque já antes havia sido contractado com um agente. Procedendo assim o ministerio, se por um lado não reconhecia ás camaras, mais do que o simples direito de chancellia, pois as tinha feito á sua imagem e semelhança, tirando-as do fundo da chapellada; pelo outro mostrava estar perfeitamente seguro da operação. O sr. Hintze nem mesmo a punha em duvida, quando os jornaes da opposição denunciaram esta jogatina encoberta, esta comedia em que se pedia aos comparsas do parlamento apenas o seu nome. Afinal, approvada a auctoriscação pedida, o emprestimo gorou-se e a compra dos navios não passou das commissões, onde os planos de construcção e as bases do concurso se estudaram indefinidamente.

O desastrado ministerio, que se afundou na exploração das recompensas e que se desmoralizou no emprestimo dos navios, vê-se agora a braços com os fuzilamentos da India, empurrando todas as culpas para o commissario régio, que apesar de tudo é conservado no seu posto.

E com razão não é o sr. Neves Ferreira o culpado das scenas da India. Elle apenas foi energico de mais e para impôr o respeito do nosso nome abusou um pouco da força, prescindindo das formulas judiciaes. Mais nada. Culpa teve-a o governo, quando animou a sublevação da India, dando aos canarins residentes no continente todo o apoio na secretaria da marinha: culpa teve-a o governo quando não obrigou a expedição e o sr. D. Affonso a combater os rances revoltados, energicamente, deixando que os officiaes gastassem o tempo em bailes e festas em vez de lutar pelo nome do paiz até exgotar as suas forças: ou então não deveria consentir que partisse a expedição. Culpa teve-a em sancionar a amnistia dada pelo sr. D. Affonso, quando a tinha regeitado proposta pelo Visconde de Villa Nova d'Ourem; e muito mais agora depois de ter havido combates, o

que não tinha succedido quando a primeira amnistia se offerecera e era instantemente pedida: culpa tem ainda o governo, pois conhece que foi fusilado um revoltoso em virtude d'uma portaria e deixa no seu logar o governador.

Um ministerio que assim vive ao trambolhão, sem administração politica, sem planos estabelecidos, e sem força moral, porque se sustenta no poder?

Passa ainda sobre a nossa politica a sombra d'Oliveira Martins. Admiravel philosopho, insigne historiador, foi um politico detestavel. Causou á sociedade portugueza, peor mal do que os mais desastrados camarilheiros do paço.

Parodiando e repetindo a phrase de Sampaio—só o rei tem força,—convencido mesmo d'esta affirmativa, levantou o espirito do rei até alturas, que nunca se suppozera.

D'ahi vem que os ministros não vivem de vida propria, não forcejam sequer por ter do seu lado a opinião publica.

Visto que só o rei tem força, é essa força que procuram, que desejam ter do seu lado. Todos estão convencidos de que não ha *bernarda* capaz de fazer mosa a um ministerio, desde que possa ser reprimido pela municipal: de que não ha manifestação popular que provoque sequer uma recomposição.

Desde este momento o povo não é elemento com que se deve contar para a vida dos partidos. Estes devem deixal-o á vontade dos partidos extremos, que já ha muito poseram ou devem pôr de lado o principio evolutivo.

Diz a Constituição que o rei, reina mas não governa. Oliveira Martins advogou o principio contrario.

Por isso pôde o ministerio seguir na sua marcha aos trambolhões, que é indifferencia para o prolongamento da sua estada no poder.

Será isto bom?

## Impostos municipaes

Vae adeantada a cobrança dos impostos municipaes, por meio d'arrematação, com respeito ao corrente anno. Ouvimos dizer que os arrematantes perdem não pequena quantia, isto apesar de o preço da arrematação ser muito baixo, em relação a annos anteriores.

Com a descida do preço do vinho, longe do imposto produzir mais, porque ha maior consumo, ainda rende menos.

Pre vemos até que, n'um futuro proximo, essa fonte de receita, que só por si chegava d'antes para prover ás despesas ordinarias e extraordinarias do municipio, acabará por não chegar para metade.

Portanto impõe-se á camara a resolução d'um problema importante—o supprimento d'essa falta de receita.

Já por vezes temos discutido este assumpto, e tudo quanto se disser a respeito d'elle não é de mais, porque ha a corrigir uma grande injustiça e a reprimir um abuso escandaloso.

A injustiça consiste em sómente pagar um imposto oneroso o pobre, o desgraçado, que apenas ganha o pão nosso de cada dia; e tanto mais oneroso que nem é proporcional nem se quer equal para todos. Abuso porque os abonados, os ricos, os maiores proprietarios e capitalistas do concelho, que são os que mais gosam dos melhoramentos e beneficios camararios, não pagam para as despesas do municipio cinco reis.

Esta desigualdade revoltante, iniqua e vexatoria ha-de por força encontrar um correctivo na opinião publica e na vercação camararia homens intelligentes e energicos, que a acabem de vez.

Appellamos, pois, para os illustrados membros da camara municipal.

Dois meios ha para remedear aquella injustiça e abuso.

O primeiro e o mais raso-

vel seria acabar com o imposto do real d'agua. Mas, apesar dos grandes beneficios que d'ahi resultariam, é por emquanto cedo de mais para o fazer, visto que a camara ficaria sem receita para administrar. Terminará o imposto quando o rendimento proprio bastar para as despesas immediatas e urgentes, que só se poderão obter pela venda dos bens immoveis, que a camara possui e que não pôde continuar a possuir debaixo da sua administração, como lhe vedam as leis.

E como o imposto não pôde terminar, modifique-se o bastante para que os arrematantes tenham garantias contra todos os que subtraem o vinho consumido, sem que seja produzido nas suas propriedades, ao pagamento do respectivo imposto.

E, para isto, pouco é necessario. Basta que a camara em uma das suas sessões revogue as disposições das posturas municipaes na parte, que diz respeito á cobrança e arrecadação do imposto do real camarario, deixando subsistir apenas a parte que diz respeito ao varejo nos armazens e casas de venda, conjunctamente com as disposições do regulamento geral do real d'agua.

Isto será, a nosso ver, bastante para terminar de vez com o abuso de se introduzir vinho para particulares que o dividem muitas vezes entre varias pessoas, sem pagar qualquer imposto.

E como este abuso se vae generalizando a ponto de causar uma crise financeira á camara, é justo que se cuide a sério em lhe pôr cobro.

Que pague para as despesas do municipio quem ganha apenas para se alimentar, e que nada pague quem possui grandes meios—não pôde ser.

## Estada

Esteve ante-hontem, entre nós, o distincto advogado e ex-deputado da nação, ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Roberto Alves. Sua ex.<sup>a</sup> regressou n'esse mesmo dia á sua casa da Feira.

Divertindo...

O estylo é o homem—já o disse alguém e com toda a razão, pois a cada passo estamos a ver isso confirmado.

No ultimo jornal do Aralla apparece o homem, na primeira parte do artigo que trata das coisas cá da terra, porque elle de leis pouco ou nada sabe. Para isso pediu a collaboração do seu advogado que lhe deu os artigos do Código e a sua apostrophe ao sr. dr. Delegado da comarca, como é costume.

Mas na segunda parte elle ahí apparece todo vivo, embrulhando alhos com bugalhos, não acabando de dizer uma coisa, sem fallar d'outra totalmente diversa.

E a fórma como parece concluir um periodo—Miseraveis! —é typica. E' o rancor a extravazar n'aquella velha alma de politico do Neptuno, desesperado por se ver votado ao ostracismo, ruminando na miolreira projectos e mais projetos.

Oh! que raiva, que desespero vae no fundo d'aquella alma, que desejaria atarralhar, esmagar a reputação de todos, tomar um des-fôrço vingente, para enfim poder tombar des-cancado na cova. Miseraveis!...

E não vê o homem que scena'ridicula essa d'um desejo de vingança contra quem nada pode, contra quem se ri ás escancaras do seu barafustar.

Estamos em 1895 e elle sempre apegado ao seu sonho de 1895, a recordar eras em que valia em politica alguma coisa: em que appellava para a urna livre, onde por tres vezes consecutivas foi derrobado vergonhosamente.

Então era de facto chefe d'um grupo politico e hoje nem sequer subalterno é, porque, na eleição para a chefia do sr. Eduardo

Chaves, nem sequer foi consultado pelo conclave dos cardeaes pequeninos.

E' arrumado para o canto como elemento prejudicial, porque muitos influentes declararam que não trabalhavam, caso elle entrasse, apparece de novo a querer voltar á primitiva posição, recordando eras, em que era d'alguma força no concelho.

Miseraveis! quem? os adversarios que o derrotaram em luctas successivas, ou os correligionarios que o atiraram para o canto como inutil e prejudicial ao desenvolvimento e progresso do seu partido?

E' que o homem isolado e só, umas vezes volta a sua furia, a sua raiva contra os adversarios, que julga inatacaveis, outras contra os correligionarios, que lhe mostram as solas das botas.

Com que amargura o homem falla na embaiada do sr. Campos Henriques. Elles (e não o Aralla só) dirigiram-se ao ministro das obras publicas, foram com musica e foguetorio á estação, para desfazer as illusões do sr. ministro do reino.

Quanto devia custar ao Aralla esta declaração do seu jornal.

Em tempos que já lá vão, nunca o Aralla consentiria que os seus correligionarios se dirigissem a qualquer grande influente politico, para que não constasse lá fóra que aqui havia partido regenerador. Em Ovar elle e só elle, «não havia regenerador, havia o Aralla, que tinha o concelho fechado por uma chave.»

E ainda o jornal do Aralla nos falla em amo. Patrão, patrão era o que existia no exaralismo. E com que gaudío o proprio Aralla ouvia dizer que assim lhe chamavam, como indicando a absoluta direcção que elle mantinha no seu grupo!

Ora o processo do amo ou patrão pertence lá e não cá.

E o jornal do Aralla recordando os factos de 1885, esquece-se deveras da eleição dos ríjões, dos fusilamentos d'Arada, e de tantas outras eleições em que os caceteiros impediram os electores de apparecer perante as urnas.

E' preciso approximar as epochas e comparar os feitos.

Não se esqueça o aralismo que, devera a sua entrada na camara á arruaça levantada contra João de Castro, quando quiz vender uma parte da Estrumada.

Subiu por uma arruaça, mas a essa quiz chamar um levantamento popular. Pois por um levantamento popular cabiu, e este encontrou attenuantes no modo como se achava feito o recenseamento electoral.

Já ha uma venda de Estrumada confessada—a do fallecido sr. dr. Araujo ao sr. dr. Manoel Barbosa, de Estarreja, irmão do então vereador, Francisco Barbosa.

E então as outras, confessam-se ou não?

E' verdade que debalde se percorrem os livros das arrematações porque lá se não encontram essas vendas de pinheiros, mas toda a gente sabe que se fizeram.

Mas diz o jornal do Aralla que o Aralla reprovou essa venda e tanto que vindo de Lisboa fez votar n'uma sessão que nunca mais se venderia assim.

Chama-se a isto foguetes de vistas com que se pretende o iludir os parvos.

Em primeiro lugar porque era um disparate sem nexo uma camara estar a coarctar a sua liberdade para o futuro e não o podia fazer, tanto que o não fez porque se continuou a vender

lenha da Estrumada por indetico processo: em segundo lugar porque se a camara quizesse annullar aquella venda, que não constava, co no não consta d'asta alguma, bastava mandar dizer ao comprador, que não aceitava o contracto e nada a obrigava a cumpril-o, visto apenas ter sido feita por um vereador, sem poderes alguns.

E como a madeira tirada da Cova do Freite foi levada para Estarreja só passados mezes e pela ria do Carregal, o que de nenhuma fórma podia ser ignorado pelo Aralla, que estava em Ovar, havia tempo de sobra para tudo.

Mis o Aralla precisava de dinheiro para a camara e precisava de que lhe chama-rem o salvador da Estrumada e até alguns dos seus correligionarios já chegaram a aforral-o em manifestações publicas com o sobre titulo de «pae da natureza e da nação portugueza». Isto parece troça mas não é. São factos passados no tempo aureo do aralismo.

Se alguém hoje se lembrasse de soltar semelhante viva, como fez o velho Palavra então, toda a gente soltaria uma gargalhada estrondosa.

Como é triste, Aralla, comparar os tempos d'então com os d'hoje.

Hoje até se escreve—«se nos dirigimos ao sr. Campos Henriques e a outros cavalheiros...»!

Nos tempos aureos ninguém escreveria isto.

Mas agora em verdade não se deveria escrever assim, seria mais veridico d'este modo—«se andámos mezes e mezes a mendigar o favor do sr. Campos Henriques e de outros cavalheiros, que nenhum caso fizeram das nossas lamurias, dos nossos foguetes e até das assignaturas do seu jornal...»

Que desolação vae n'aquella alma!

ceza, cuja virtude jámais mereceu a menor censura, e que tanto se tornava notavel pelas graças de sua pessoa, como pela firmeza e rectidão de um caracter verdadeiramente portuguez, chegou a Portsmouth pelos fins de maio, e d'esta cidade até Londres, a sua jornada foi, por assim dizer, um triumpho.

— Meu Deus! —exclamou ella durante a jornada, dirigindo-se a uma das suas damas de honor;— não sei porque me sinto assaltada de tristes presentimentos... Estes gritos de alegria parecem annunciar-se que serei amada pelo povo inglez, não obstante sinto uma tristeza invencível.

— Tornar-vos-heis mais alegre em Londres quando tiverdes visto el-rei vosso esposo, — respondeu a dama de honor.

As festas por occasião do casamento, foram magnificas. Carlos II, lembrando-se do ex-

Pesca

Animou, durante a semana finda, o trabalho de pesca na nossa costa.

Houve lanços de 50 e 100 mil reis de sardinha, conservando esta preços bastante elevados.

Na quinta-feira, porém, o mar apresentou-se de tarde bastante agitado, estando em grave risco os barcos da companhia de que é senhorio e proprietario o nosso amigo sr. Manoel Rodrigues Caetano.

N'essa tarde quasi todas as redes sahiram do mar rotas e bastante damnificadas, não trazendo pescado.

Subscrição a favor da Associação dos bombeiros voluntarios d'esta villa:

Transporte.. 98500

Festividades

Na nossa igreja matriz realisa-se hoje com todo o esplendor a festividade em honra do Sagrado Coração de Jesus, havendo missa a grande instrumental pela philharmonica Ovarense, sermão e de tarde vesperes e procissão.

— Em Vallega festeja-se tambem com toda a pompa o Sagrado Coração de Jesus, havendo missa a grande instrumental pela philharmonica Amizade, sermão e de tarde ladainhas e procissão.

Desastre

Na terça-feira ultima, na estação do caminho de ferro de Estarreja, ficou entalado entre dois wagons o conductor do comboyo Antonio Costa, sendo conduzido immediatamente em estado grave para o hospital de Aveiro.

plendor, que vira na côrte de Franca, desenvolveu um luxo, que contrastava tristemente com a miseria publica, mas o partido dos Stuarts era então muito poderoso, de sorte que toda gente fingido partilhar a alegria do príncipe.

Todavia os regosijos, foram entrestecidos pelos processos e execuções de muitos culpados, entre os quaes se contavam os tres regicidas, Berkstead, Okey, e Cobbel. A noticia da execução de Vane, celebre pelos seus talentos parlamentares, e capacidade nos negocios publicos, produziu geralmente uma dolorosa indignação. Na vespera da morte d'esta illustre victima, apresentou-se no paço um frade, pedindo para fallar á rainha.

Continua.

FOLHETIM

D. Catharina de Bragança

(Fragmento)

Corria o mez de maio 1662, quando uma elegante fragata, ricamente empavesada, deixava as aguas do Tejo, fazendo-se de vela para as costas de Inglaterra. Recebera, poucas horas antes, a seu bordo, no meio de uma pompa completamente real, a formosa noiva de Carlos II de Inglaterra, D. Catharina de Bragança, filha de D. João IV e de D. Lenor de Gusmão, a quem deixara mergulhada na mais pungente dôr que pôde affectar o coração maternal—a de se separar de um filho querido.

— Minha filha, dissera-lhe

Leonor de Gusmão, com a falla entrecortada pelos soluços; vae para o paiz dos nevoeiros, tu, que és a filha do meio dia, e do sol... Não auguro nada bom d'este casamento...

— Quero ser rainha de Inglaterra, respondeu a joven princeza.

— Ter-te-hão esquecido as desgraças de Henriqueta de Franca, a desgraçada esposa de Carlos I?

— Não me esqueceram, mas parto sem receio. Carlos II é um grande príncipe, e chamado a reinar com gloria.

— Demais tem pesado sobre a raça dos Stuarts, a mão de Deus; os inglezes não supportarão por muito tempo a dominação d'esta familia.

— Parto, minha mãe, o sacrificio está feito: se me sobrevierem desgraças, sabel-as-hei supportar com a coragem d'uma rainha.

E partiu, acompanhada das lagrimas a benções de sua familia.

Mas a noticia do casamento de Carlos II com uma princeza catholica, levantara uma opposição no parlamento; a Hespanha, sobre tudo, inimiga jurada de Portugal, empregava todos os meios para impedir esta união; mas a princeza de Portugal levava um dote de dois mil contos de reis. Demais, o commercio britannico tinha o maior interesse na independência de Portugal; e Carlos II, como diziam, tinha resolvido desposar uma princeza de Portugal, sem a participação dos seus ministros, e por conseguinte, resistencia alguma teria o poder de o fazer mudar de resolução. Quanto ao parlamento, bem depressa testemunhou a maior condescendencia, para com os desejos do soberano;

Catharina de Bragança, prin-

**Morte instantanea**

Em Xabregas (Lisboa) foi morto por um comboyo o menor José Ferreira Quintão, filho de Antonio Rodrigues Quintão, natural da Ribeira, d'esta villa, victima da imprudencia propria da sua idade.

**Mercado de sal**

Dizem de Aveiro que as marinhas continuam a produzir e ha já marnoto que tem sobre as eiras cerca de 4 barcos; estas, porém, são poucas e são as melhores. Ha já vendas por 25\$000 reis o barco de 16:000 e 17:000 litros, pois que as cargas agora são muito maiores.

**Baixa sensível**

O preço do milho baixa por toda a parte. Em Coimbra e nas terras da beira Mondego desceu para 280 reis o antigo alqueire.

Quando o teremos por cá a esse preço?

A carne de vacca desceu também em Coimbra a 280 reis o kilo, com tendencia para baixar.

**MUCHOS**

Na terça-feira, em Santarem, pelas 12 horas da noite, indo a dormir n'uma cartoga João Maria Oleiro e sua mulher Rosa Augusta da Silva, foram assaltados proximo da ponte d'Asseca por Mathias Martins, que vibrou uma forte cacetana na cabeça do Oleiro, prostrando-o. Aos gritos da mulher acorreu a mulher que botou as mãos ao aggressor, segurando-o por detraz. Aos encontros de Martins caíram ambos, conseguindo aquelle rasgar o fato á mulher sem que esta lhe largasse as suissas. Oleiro, cobrando animo, deitou mão ao cacete do aggressor, dando-lhe cinco valentes cacetadas que deixaram o Martins como morto. Oleiro e mulher dirigiram-se a Santarem e entregaram-se á policia, confessando terem morto um homem. A policia dirigiu-se ao local da lucta de onde trouxeram o Martins gravemente ferido no craneo, dando elle e o Oleiro entrada no hospital, onde ficaram em tratamento. O estado de Martins é gravissimo.

Na povoação hespanhola de Peraleda de la Mata, uma mulher chamada Rosa Rufo, que soffria de loucura, praticou uma medonha serie de crimes. Os seus ataques de alienação mental, seguidos de violentissimos accessos de histerismo, datavam de ha muito.

Ha dias estava ella sentada n'um banco, á porta de casa, e, á medida que iam passando creanças, chamava-as e juntava-as ao lado d'ella, promettendo-lhes doces e brinquedos. Quando reuniu quinze, contando o mais velho dez annos, entrou com ellas para sua casa e fechou-as n'um quarto. Depois foi tirando uma a uma d'esse improvisado calabouço e, com espantoso sangue frio, ati-

rou-as a um poço. Cinco conseguiram fugir do quarto e sahiram para a rua, soltando afflictivos gritos de socorro. Quando as auctoridades no pateo da casa da louca, recuaram horrorisadas.

Rosa Rufo, depois de ter atirado ao poço oito creanças, precipitou-se também. Ella e duas victimas foram tiradas com vida. As outras seis eram já cadaveres. As pobres innocentes tinham dez, nove, sete e cinco annos; das duas restantes, uma contava dezoito mezes e outra oito!

O crime causou extraordinaria sensação. Quando a terrivel louca foi levada para a cadeia, houve necessidade de adoptar grandes precauções, porque a multidão indignada queria fazer justiça por suas mãos.

Noticias da ultima hora dizem ter-se travado em Matanzas um importante combate entre os insurrectos e as tropas de Weyler. Houve de parte a parte perdas importantes, sendo também de ambos os lados reñidissimo o combate.

Os insurrectos tiveram muitos feridos e 20 mortos, havendo nas fileiras legaes bastantes mortos e mais de 50 feridos.

— O general Bargés está livre de perigo.

— As manifestações hostis, que por todas as formas e feitos fazem á Hespanha os americanos, não podiam deixar, diz um jornal do paiz visinho, de impressionar os bons hespanhoes residentes em Cuba. D'aquí nasce a grande excitação do povo Cubano e especialmente da capital, contra os americanos. A excitação cresce e começa de evidenciar-se cada vez mais fortemente em toda a parte e é de temer que d'aquí advenham graves inconvenientes.

— Um despacho official de Cuba dá noticia de varios recontros pouco importantes, nos quaes os rebeldes soffreram algumas perdas; uns bandos que tratavam de atacar a linha de Mariel, foram repellidos, ficando um dos soldados hespanhoes ferido com uma bala explosiva.

**PUBLICAÇÕES**

**O Selvagem**

Dis acreditados editores, Belem & C.<sup>a</sup>, de Lisboa, recebem a caderneta 29 da nova obra, *O Selvagem*, de Emile Richebourg, cujo resumo do entreccho é como se segue:

«O Selvagem conta a Lagard as suas recordações de infancia. Nessas recordações descreve uma mulher pallida entrevista n'um castello antigo, e supõe que ella fosse sua mãe. Descreve-lhe toda a sua vida, referindo-se ao dia em que fugiu aos saltimbancos que o exploravam.»

— Também recebemos o fasciculo 5 do romance maritimo *Um drama no fundo do mar*, de Richard Cortambert.

Agradecemos.

**Regulamento geral do ensino primario**

A «Bibliotheca Popular de Legislação» tem concluida a impressão d'este Regulamento, Parte I e Parte II (o que se deve ter em vista porque o Regulamento está assim dividido), ap-

provadas por decreto de 18 de junho do corrente anno, e segundas do decreto n.º 1, de 22 de dezembro de 1894, visto as novas disposições regulamentares serem complemento d'aquelle decreto. Os pedidos acompanhados da respectiva importancia, sem o que não serão satisfeitos, devem ser endereçados á mencionada «Bibliotheca» rua da Atalaya, 183 1.º Lisboa. Preço 200 reis.

**Um drama no fundo do mar**

Romance maritimo de que foi extrahido o drama com o mesmo titulo, representado com vivo applauso no theatro de D. Maria II, por

RICHARD CORTAMBERT

O grande viajante, e sabio geographo Richard Cortambert, conhecido e lisongeiramente apreciado em todo o mundo pelos seus muito valiosos trabalhos, tentou e conseguiu fazer um romance verdadeiramente instructivo, e ao mesmo tempo interessante para todos.

Com effeito o impressionante drama, por elle escripto, sabe completamente das formas banaes ordinariamente usadas, e, para comprovar esta asserção, bastará dizer-se que a scena principal do entreccho, aquella que justifica o titulo do livro, se desenrola em um meio mysterioso e desconhecido, a mil pés abaixo do nivel do mar, na occasião em que os ousados engenheiros de um dos vapores, que combojavam o celebre «Great Eastern», encarregado do lançamento do cabo submarino entre a Europa e a America, exploravam, dentro dos seus scaphandros, as mysteriosas profundezas do Oceano, afim de procurarem o ponto em que se produzira uma ruptura no famoso cabo.

Um dos marinheiros, que com elles descera, e que representara n'essa scena estranha um muito importante papel, descreve com vivas cores o horroroso quadro que presenciara... Essa descripção, constitue um dos trechos mais impressionantes do livro.

A leitura d'este drama, por tantos titulos notavel, ha de ser entre nós, como tem sido em toda a parte, vivamente apreciada por os que presam os trabalhos de verdadeiro merecimento.

Um volume com 9 magnificas gravuras, 300 reis.

Pedidos aos editores — Belem & C.<sup>a</sup> — Rua do Marechal Saldanha, 25 — Lisboa.

**Código Administrativo**

Editou a Bibliotheca Popular de Legislação uma nova edição d'este código; é a primeira que apparece tendo todas as alterações e modificações que o parlamento fez ao decreto de 2 de março de 1893, alterações e modificações approvadas por carta de lei de 4 de maio do corrente anno, segundo a edição official.

Para mais facilidade da consulta acompanha esta edição um copioso repertorio alfabético.

Como todas as edições d'esta Bibliotheca o código é baratissimo; custa 200 reis.

**Tabella dos Emolumentos e Salarios Judiciaes**

Approvada por Carta de lei de 13 de maio do corrente anno, (única em vigor), ordenada alfabeticamente, mas conforme com edição official do (Diario Governo) no de 18 de maio). Única edição assim elaborada. Preço 200 reis.

**ANNUNCIOS**

**Declaração**

José Maria Rodrigues de Figueiredo, casado, negociante, residente na cidade de Loanda, Africa Occidental, declara para os devidos effeitos, que revogou a procuração, que em dezembro de 1892, passou a seu irmão José Rodrigues Figueiredo, na comarca d'Ovar.

**ANNUNCIO**

(1.ª publicação)

Pelo Juizo do Direito da comarca de Ovar e cartorio do Escrivão Frederico Abragão correm editos de 4 mezes contados da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», afim de se poder dar á execução nos termos do § 2.º do artigo 407 do Código do Processo Civil a sentença proferida na acção especial de habilitação que Jacyntho José Gonçalves e mulher, e Maria de Jesus, viuva, como representante de seu filho menor Domingos, movem para serem julgados unicos e universaes herdeiros do ausente Manuel José de Assumpção, pela qual foram mandados entregar aos mesmos auctores os bens do referido ausente.

Ovar, 4 de julho de 1896.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito 3.º substituto

Descaço Coentro

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

**ARREMATACÃO**

2.ª publicação

No dia 26 do corrente pelas dez horas da manhã e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca se ha de arrematar e entregar a quem mais der acima da avaliação em execução hypothecaria que o commendador Luiz Ferreira Brandão move contra Manoel Pereira da Silva e mulher, de Pintim de Vallega:

Uma morada de casas terreas com cortinha de terra lavradia pegada e mais pertencas, sita no lugar de Pintim de Vallega, d'esta comarca, a confinar do norte com caminho de servidão, sul com Manoel R-

d'ignos Paes... nsciente com... vs Netto e outros e au... Antonio da Silva, avaliada em 300\$000 reis. Para a praça são citados todos os credores incertos.

Ovar, 1 de Julho de 1896.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, 3.º substituto

Descaço Coentro.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

**Editos de 40 dias**

1.ª publicação

No Juizo do Direito da comarca d'Ovar, e cartorio do Escrivão Coelho, correm editos de 40 dias, a contar da segunda publicação d'este no «Diario do Governo», cian lo José Marques de Sá, solteiro, maior, auzente nos Estados Unidos de Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por morte de seu pai Manoel Marques de Sá Ganha Vida, que foi, do Campo Grande, freguezia de Esmoriz.

Ovar, 21 de março de 1896.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Lopes da Silva.

O Escrivão

João Ferreira Coelho.



**Vinho nutritivo de carne**

Unico legalmente auctorisaco pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consu geral do imperio do Brazil. E' muito util na convalescença de todas as doencas; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e exercita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda nas principaes pharmacias.

**FARINHA PEITORAL FER RUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO**

Reconhecida como precioso alimento reparador e excellente tonico reconstituinte, esta farinha, a unica legalmente auctorisada e privilegiada em Portugal, onde é de uso quasi geral ha muitos annos, applica-se com o mais reconhecido proveito em pessoas debéis, idosas, nas que padecem.

TYPOGRAPHIA

DO

OVARENSE

112, rua dos Ferradores, 112

Esta casa encarrega-se de todo o trabalho concernente á arte typographica, onde serão executados com primor e acieo, taes como :

Diplomas, letras de cambio, mappas facturas, livros, jornaes rotulos para pharmacias, participações de casamento, programmas, circulaes, factura, recibos, etc., etc.

Tem á venda o Codigo de posturas municipaes do concelho de Ovar, contendo o novo addicelonnemento, preço 300 reis.

Cartões de visita, cada cento, a 200, 240 e 300 reis.  
De 1000, cada cento, a 400 e 500 reis.

EDITORES—BELLM & C.—LISBOA

O SELVAGEM

produção de Emilio Richebourg — versão de Lorjô Tavares

Esta obra, uma das que maior nome deram ao seu auctor, e que teve um exito extraordinario na França que lê, desenrola episodios enternecedores, scenas empolgantes e situações altamente dramaticas que mantoem o leitor n'uma constante anciedade, pelo seu interesse crescente. Pelo dedo se conhece o gigante. Basta ler os primeiros capitulos d'este soberbo trabalho para se revelar a pena de Emilio Richebourg, o inspirado auctor da «Mulher Fatal», «A Martyr», «A Filha Maldita», «O Marido», «A Espoã», «A Viuva Millionaria», «A Avó» e de tantos outros romances de sensação. «O Selvagem» teve um tal exito de leitura, que hoje se acha traduzido em todas as linguas cultas.

Brinde a todos os assignantes, uma estampa de grande formato representando

REAL SANCTUARIO DO BOM JESUS DO MONTE

Condições da assignatura—Saírá em cadernetas semanaes de 4 folhas e 1 estampa.. 50 reis.  
volume brochado 450 reis, pagos no acto da entrega.  
Assigna-se em Lisboa, Rua do Marechal Saldanha, 26.

**GRANDE DICCIONARIO**  
DE  
**LAROUSSE**  
A MAIOR  
E MAIS COMPLETA  
ENCYCLOPEDIA  
17 Volumes 4° encadernados

VOLUME POR MEZ LISBOA 6500 REIS (pago á entrega)  
Um VOLUME POR MEZ PROVINCIA 6800 REIS (pagamento adiantado)

DIRIGIR OS PEDIDOS A  
**GUILLARD, AILLAUD & C.**  
242, rua Aurea, 1° — LISBOA

REMEDIOS DE AYER



**Vigor do cabelo de Ayer**—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

**Peitoral de cereja de Ayer**—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

**Extracto composto de Salsaparilha de Ayer**—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas.

**O remedio de Ayer contra sezões**—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

**Pilulas catharticas de Ayer**—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TONICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisita preparação para aformosear o cabelo  
Estp a todas as affecções do cranio, mpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho

SABONETES DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes. —Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

PREÇOS BARATOS

Vermifugo de B.L.Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

**SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA CASSELS**—Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos. Deposito geral: James Cassels e C., Rua do Mouzinho da Silveira, 85 Porto.

**Perfeito Desinfectante e purificante de JEYES** para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e cura feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias—Preço 240 reis.

ROMA

A obra mais recente do grande escriptor francez

EMILE ZOLA

Traduzida por Castro Soromenho. E' publicada em fasciculos semanaes de 80 paginas de impressão, pelo preço de 100 reis para Lisboa, e de 120 reis para a provincia.

Pedidos de assignaturas aos editores Guillard, Aillaud & C., rua Aurea, 242, 1—Lisboa.

Aventuras de minha vida

Historia dos ultimos 40 annos do governo francez, contendo a relação dos factos que o auctor presenceou, por

HENRI ROCHEFORT

Tradução de C. de Castro Soromenho.—A obra é publicada

da em fasciculos semanaes de 80 paginas, pelo preço de 100 reis para Lisboa e de 120 reis para a provincia.

Pedidos de assignatura aos editores Guillard, Aillaud & C. rua Aurea, 242, 1—Lisboa.

Jornal de Viagens

E aventuras de terra e mar

Annaes geographicos de portugal

Descobertas portuguezas—A India.

Condições da assignatura

Porto, trimestre . . .	750
Provincia, trimestre.	800
Açores e Madeira, semestre . . . . .	18800
Ultramar, anno . . . . .	45500
Brazil, moeda forte anno . . . . .	65000
Numero avulso . . . . .	60

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Deolindo de Castro, rua das Taipas, 29—Porto